Seridó sensível: as artistas sertanejas e o ensino de arte na contemporaneidade

Serido sensible: mujeres artistas y la enseñanza del arte en la contemporaneidad

Sensitive serido: women artists and the teaching of art in contemporary

Jailson Valentim dos Santos[1]

Resumo

Este artigo investiga as artistas do Seridó potiguar, no estado do Rio Grande do Norte, Brasil, evidenciando a produção poética destas mulheres e suas possíveis contribuições ao Ensino de Arte na região. Discute-se a noção de memória e de esquecimento, a fim de refletir sobre a história, ou o seu apagamento, da cultura artística e dos valores das tradições locais desse contexto específico. Vale-se do diálogo entre autores, de revisão bibliográfica e de experiências empíricas para aproximar a produção dessas mulheres das práticas pedagógicas propostas no contexto escolar. A pesquisa, ainda em andamento, vem mostrando que é muito pequena a visibilidade das artistas locais nas escolas da região. No entanto, as abordagens realizadas no contexto escolar permitiram as educandas e educandos uma ampla compreensão dos planos de expressão, um melhor entendimento sociocultural, a ampliação da capacidade perceptiva e o aguçamento do senso crítico sobre a produção poética dessas mulheres.

Palavras-Chave: Memória, esquecimento, produção poética, protagonis-

1 Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor vinculado à Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC) do Rio Grande do Norte (RN), e primeiro colocado no XX Prêmio Arte na Escola Cidadã, na modalidade Educação Jovens e Adultos (EJA). valentim8@yahoo.com.br - http://lattes.cnpq.br/0920236549498441

SANTOS, Jailson Valentim dos. Seridó sensível: as artistas sertanejas e o ensino de arte na contemporaneidade. Revista CARTEMA, Recife, n. 9, p. 86-99, Ago. 2021.
Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

mo da mulher na arte.

Resumen

Este artículo investiga la producción de artistas del Seridó Potiguar, región situada en el estado de Rio Grande do Norte, Brasil, exhibiendo la producción poética de estas mujeres y sus posibles aportes a la Educación Artística en la región. Discute la noción de memoria y olvido para reflexionar sobre la historia, o su borrado, de la cultura artística y los valores de las tradiciones locales en este contexto específico. Utiliza el diálogo entre autores, la revisión de la literatura y las experiencias empíricas para acercar la producción de estas mujeres a las prácticas pedagógicas propuestas en el contexto escolar. La investigación, que todavía está en curso, ha demostrado que la visibilidad de las artistas locales en las escuelas de la región es muy baja. Sin embargo, los enfoques adoptados en el contexto escolar permitieron a las educandas y educandos una mejor comprensión sociocultural, la ampliación de la capacidad perceptiva y la agudización del sentido crítico sobre la producción poética de estas mujeres.

Palabras clave: Memoria, olvido, producción poética, protagonismo de la mujer en el arte.

Abstract

This article investigates Seridó potiguar artists, showing the poetic production of these women and their possible contributions to Art Education in the region. The notion of memory and forgetfulness is discussed in order to reflect on the history (or its erasure) of artistic culture and the values of local traditions in that specific context. It uses dialogue between authors, bibliographic review and empirical experiences to bring the production of these women closer to the pedagogical practices proposed in the school context. The research, still ongoing, has shown that the visibility of Seridó artists in schools in the region is very low. However, the approaches taken by us in the classroom on the poetic production of these women allowed the students to have a broad understanding of the expression plans, a better sociocultural understanding, the expansion of the perceptive capacity and the sharpening of the critical sense.

Keywords: Memory, forgetfulness, poetic production, protagonism of women in art.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Introdução

"Seridó Sensível" é o termo empregado nesta pesquisa para evidenciar a produção poética das mulheres do sertão potiguar, no estado do Rio Grande do Norte, Brasil, e fornecer subsídios para pensar o ensino de arte na região do Seridó, atentando para os obstáculos que desafiam o exercício da docência em arte nesta localidade. Assim, este artigo investiga as artistas seridoenses, buscando remontar suas histórias, mesmo que brevemente, para aproximar do Ensino de Arte realizado nesse contexto específico.

A pesquisa em curso já apurou alguns nomes de mulheres/artistas desse território, com destaque para Maria Antônia do Santíssimo (São Vicente-RN, 1890 – 1974), Raimunda Cícera da Conceição (Bananeiras - PB, 1934 – Caicó - RN, 2018), Luzia Dantas (São Vicente – RN, 1937 -), Maria Iêda da Silva Medeiros, (Jaçanã/RN, 1938 -), Maria Davina dos Santos (Serra Negra do Norte-RN, 1951 -), Izabel Cristina de Medeiros (Currais Novos/RN, 1977 -), Jussara Queiroz (Jucurutu/RN, 1956 -) e Lydia Brasileira de Brito (Caicó-RN, 1936 -).

Vale-se ainda do diálogo estabelecido entre autores para problematizar a noção de memória e esquecimento (RICOEUR, 2007; ANDERSON, 2008; POLLAK, 1989; NORA, 1993; BOSI, 1994; CANTON, 2009), enquanto trilha um caminho metodológico que se aproxima da pesquisa exploratória (GIL, 2008). Ao mesmo tempo, abarca revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com algumas artistas e com educadores, considerando também as nossas experiências como docente nas várias modalidades de ensino desse contexto específico.

A pesquisa, em andamento, vem mostrando que existe pouca divulgação na mídia sobre a produção poética das mulheres do Seridó potiguar e que faltam debates públicos sobre essa temática na região, inclusive, sobre essa produção local atrelada ao Ensino de Arte. Mesmo assim, é possível afirmar, a partir das nossas práticas de ensino, que os estudos abrangendo dados biográficos e as poéticas das artistas são de grande relevância para os educandos, na medida em que permitem a ampliação da capacidade perceptiva, do senso crítico e do entendimento sociocultural.

Memória e esquecimento

Na obra "A memória, a história, o esquecimento" (2007), Paul Ricoeur faz um convite para cultivarmos as memórias, sejam aquelas que nos marcaram intimamente ou as outras que, por valorizarmos, trazemos para o cotidiano, pois essas memórias reivindicam a construção da identidade. "É na problemática da

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

identidade que se deve agora buscar a causa da fragilidade da memória assim manipulada" (2007, p. 94). Essa problemática evoca os vestígios do passado e estabelecem um elo com o tempo presente, na medida em que selecionamos para o nosso cultivo justamente aquelas memórias que irão contribuir com a projeção do futuro. O filósofo considera a memória como fonte de produção de conhecimento histórico e ressalta que o excesso de memória pode ocasionar em "abuso de memória", da mesma maneira que sua insuficiência pode causar um "abuso de esquecimento". Portanto, para Ricoeur, a memória é um processo cognitivo que se caracteriza pela lembrança, pelas reminiscências do vivido, em constante embate com o esquecimento.

Michael Pollak (1989) observa que existe uma "memória subterrânea" e podemos encontrá-la nas lembranças de alguns, pois são como zonas de sombra, de silêncios e de "não ditos". São memórias marginais que correspondem às experiências vivenciadas no passado por um determinado grupo social e que não foram registradas em suportes físicos, por se tratar de grupos subalternos de determinados estratos socioculturais. O autor destaca que as fronteiras de "[...]silêncios e 'não ditos' com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento" (POLLAK, 1989, p. 3). Ele aproxima a memória subterrânea a uma perspectiva sistêmica e assegura que o dito e o "não dito" vivem entre fronteiras: por um lado a memória coletiva subterrânea (esta caracterizada pela sociedade civil dominada ou por grupos determinados) e por outro lado a memória coletiva organizada (esta se aproxima da imagem da sociedade majoritária ou de uma imagem em que o Estado busca impor suas regras). Pollak (1989) observa que as memórias subterrâneas que conseguem permanecer discretas e em silêncio estão praticando atos subversivos que só "[...]afloram em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados" (POLLAK, 1989, p. 7). Este é o momento em que se inicia a disputa, o jogo de forças, entre a memória coletiva subterrânea e a memória coletiva organizada.

Já os estudos de Pierre Nora (1993) distinguem a noção de memória da ideia de história, assegurando que estas não são palavras sinônimas, ao contrário, fazem oposição em todos os aspectos. O autor esclarece que a

> [...]memória é sempre um fenômeno atual, uma construção vivida em um presente eterno, enquanto que a história é representação do passado. [...] A memória orienta a recordação para o sagrado, a história expulsa-a: seu objetivo é a desmistificação. A memória surge a partir de um grupo cuja conexão ela estimula. [...] A história, por sua vez, pertence a todos e a ninguém, e por isso é designada como universal (NORA, 1993, p. 12).

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Ao discorrer sobre memória e socialização, Ecléa Bosi sublinha a importância de se valorizar o passado que se faz atual. Para ela, "[...]esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente" (BOSI, 1994, p. 74). Bosi avança ao assegurar que

> [...]ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas (BOSI, 1994, p. 75).

Essa estudiosa ressalta noções de lembrança, de memória e de história no seu livro *Memória e sociedade*: lembranças de velhos (BOSI, 1994). Para ela, lembrança é aquilo que sobrevive de tempos passados, pois "[...]o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança" (BOSI, 1994, p. 53). Enquanto faculdade da memória, a lembrança produz efeitos no corpo das pessoas, fazendo com que elas acessem as marcas do vivido, aquelas que não se apagaram com o transcorrer do tempo. Por meio da lembrança podemos refrescar o nosso pensamento, dando vazão aos fluxos da memória.

Em *Tempo e Memória*, Katia Canton (2009) corrobora com o conceito trabalhado por Bosi (1994) e evidencia traços da memória que aparecem na produção artística, bem como sua importância nesta atualidade fugaz, veloz, acelerada. Para Canton (2009), a memória é uma condição básica de nossa humanidade, pois

> [...]tornou-se uma das grandes molduras da produção artística contemporânea, sobretudo a partir dos anos 1990. Nesse momento, proliferam obras de arte que propõem regimes de percepção que suspendem e prolongam o tempo, atribuindo-lhe densidade, agindo como uma forma de resistência à fugacidade que teima em nos situar num espaço de fosforescência, de uma semiamnésia gerada pelo excesso de estímulos e de informações diárias (CANTON, 2009, p. 21).

A relação existente entre memória e esquecimento acontece na arte, na cultura, na educação, na política e nas construções identitárias de indivíduos ou grupos. Benedict Anderson (2008) sublinha que "'novo" e "velho" estão alinhados diacronicamente, e o primeiro deles "[...]parece sempre invocar uma ambígua

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

bênção dos mortos" (ANDERSON, 2008, p. 256). Nesta perspectiva é que problematizamos em sala de aula conceitos como o de permanência, descontinuidade, contaminação, resgate histórico, artista marginal, feminismo, entre outros, estabelecendo relações entre as vivências cotidianas com a arte do passado e a produção artística atual.[2]

Protagonismo feminino na arte seridoense

O Seridó é celeiro de mulheres aguerridas e de grande capacidade inventiva e vem se destacando pela sua produção sensível no Rio Grande do Norte e no Brasil. Portanto, inquirimos: quem são as mulheres que vem fazendo história no campo da Arte na região do Seridó? Quais são suas poéticas? Como vivem e produzem? Para responder essas questões é preciso adentrar esse território para dialogar com algumas artistas por meio de registros que tentam manter viva a memória dessas personalidades de tanto valor à construção da identidade sertaneja.

Já no início do século XX surgia o nome de Maria Antônia do Santíssimo (São Vicente-RN, 1890 – 1974) entre os artistas seridoenses. Ela foi reconhecida dentro e fora do estado pela crítica especializada, por ter sido considerada "[...]a maior e única mulher pintora do Rio Grande do Norte a obter repercussão nacional" (ARAÚJO, 1989, p. 258). Maria do Santissímo foi uma pintora brasileira das mais originais. Sua arte era autêntica e de inspiração cotidiana, cheia de sonhos e encantamentos, apresentando um sertão colorido e alegre. Linhas, formas e cores davam vida ao mundo imaginário da artista, que era habitado por bichos, flores e frutas feitas sobre suportes ordinários como papel de embrulho (*kraft*), papel pautado e cartolina. A artista utilizava anilina para colorir e não raro ela produzia pinceis feitos de palitos de coqueiro. A precariedade dos materiais expressivos não limitava sua capacidade inventiva. Depois de uma pausa de aproximadamente meio século na sua produção poética, Santíssimo retomou suas atividades artísticas em 1962, estimulada pelo pintor Iaponi Araújo. Esse impulso inicial do artista fez Santíssimo se reencontrar consigo mesma, com a sua poética, com os animais e as plantas que habitavam o seu imaginário. Aos poucos ela foi se transformando em uma pintora renomada e recebendo convites para participar de exposições

2 Desde 2016 buscamos levar a problemática das artistas do Seridó para dentro das escolas nas quais trabalhamos. Inicialmente propomos aos educandos que façam pesquisas na internet sobre elas, já que quase não existem registros impressos para consulta. Também sugerimos que os estudantes entrevistem alguma artista, na medida do possível, e montem uma apresentação em *Power Point* com imagens dos seus trabalhos para socialização em sala de aula. Em alguns casos, sugerimos também que façam um vídeo documental com o celular para apresentar aos colegas.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

ao longo dos anos 1960. Santíssimo participou em 1963 da coletiva "Natal ver e viver", ocorrida na capital potiguar, durante a Feira de Exposições do Rio Grande do Norte. No ano seguinte a seridoense voltou à capital para expor na Galeria de Artes de Natal e em outra exposição coletiva ocorrida em 1966, nessa mesma cidade, o artista e crítico de arte Newton Navarro reconheceu o seu talento. Em 1969 as obras de Santíssimo chegaram ao Rio de Janeiro e ela ganhou uma exposição individual na Galeria Goeldi, sendo aclamada pela crítica especializada. Três anos depois suas obras desembarcavam em São Paulo, para comemorar os 50 anos da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, em uma mostra intitulada "Arte Brasil, hoje, 50 anos depois". Em uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1973, Santíssimo "foi laureada pelos promotores com o prêmio do Salão de Verão do Jornal do Brasil". Ela também integrou "uma representação oficial do país a chancela do Itamaraty à Trienal de Pintura Primitiva de Bratislava na Theco-Eslováquia" (ARAÚJO, 1989, p. 258).

Nesse período, em Caicó, Raimunda Cícera da Conceição (Bananeiras - PB, 1934 – Caicó - RN, 2018) já dominava a técnica da cerâmica e sua produção ganhava destaque no cenário artístico estadual. Dona Raimunda[3] foi notícia nas últimas cinco décadas, dentro e fora do Rio Grande do Norte, não só pelo seu carisma, mas principalmente pela sua inventividade e pela qualidade e domínio técnico quando se pensava em modelagem em argila e em processos cerâmicos. Em vida, ela teve acesso a políticos como Paulo Maluf e Antônio Delfim Netto em feiras de arte e artesanato que participava na região sudeste do Brasil. Dona Raimunda recebeu em sua casa/ateliê o presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro presidente do período da Ditadura Militar brasileira. Este fato aconteceu no dia 22 de abril de 1966 quando o então presidente esteve em Caicó para inaugurar o Posto de Piscicultura do Açude Itans e o Cinema Rio Branco. O presidente foi levado até a residência de Raimunda porque, naquele momento, ela representava a arte e os artistas da região devido ao seu protagonismo sociocultural. O pesquisador Iaperí Araújo citou Raimunda em sua obra *Elementos da arte popular* (ARAÚJO, 1985) e assegurou que os escultores populares geralmente se identificam com as necessidades locais. É ele quem observa que Raimunda "[...] recebia e executava encomendas de ânforas gregas, réplicas de esfinges e bustos de rainhas egípcias" (ARAÚJO, 1985, p. 15). Araújo (1985) observa que, mesmo construindo formas estranhas ao seu meio cultural, os artistas imprimem traços que, em linhas gerais, revelam as formas dos estilos, os modos de confecção, o

3 Dona Raimunda residia no bairro Paraíba em Caicó, próximo a escola que trabalhamos. Atualmente, em sua residência, o seu filho Paulo Faísca é quem dá continuidade ao seu trabalho. Isso favorece as visitas expedicionárias ao local para pensar em herança cultural com as turmas.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

corte e o acabamento pessoal. Ressaltamos que a ceramista caicoense produzia também cerâmica utilitária, carrancas, imagens sacras e outros objetos de contemplação, inclusive objetos eróticos. Ela ainda teve experiência como professora de cerâmica, ministrando aulas na tradicional Escola Doméstica de Natal, em cursos específicos "para as moças da alta sociedade natalense", conforme nos relatou em conversa informal, anos antes do seu falecimento.

Se Dona Raimunda utilizou sua liberdade poética para modelar um sertão a partir do barro extraído desse chão, Dona Luzia Dantas (São Vicente – RN, 1937 -) utiliza essa mesma liberdade para encontrar na paisagem sertaneja a matéria prima de sua produção: a madeira de Imburana. A artista, que vive e trabalha em Currais Novos – RN, ao extrair das matas esse elemento plástico, inicia um diálogo com o mundo, a partir do silêncio da sua casa/ateliê. Esse diálogo desdobra-se em tramas envolvendo beleza, cotidiano, trabalho e religiosidade. São conversas que extrapolam as fronteiras geográficas da região. Quando olhamos mais atentamente para o trabalho da artista percebemos a sensibilidade de golpes perfeitos, capazes de extrair de uma simples e rústica tora de madeira, uma belíssima composição imagética. A artista, de maneira intuitiva, respeita as leis da linguagem visual e traz para suas composições um jogo de linhas e formas que evocam a leveza, fazendo um contraponto à rudeza aparente da madeira. Ao mesmo tempo, com o seu canivete afiado, ela mantém viva a memória, os valores e a força das tradições sertanejas.

A invencionice das artistas passa pelo talento da bonequeira e poetiza Maria Iêda da Silva Medeiros (Jaçanã/RN, 1938 -), popularmente conhecida como Dona Dadi. Ela mora desde a sua juventude na cidade de Carnaúba dos Dantas--RN e, atualmente, perdeu a visão e vive sob cuidados médicos em uma casa de repouso para idosos. Esta mulher teve oportunidade de escrever e enunciar várias *estórias* dos sertões por meio do teatro de bonecos, despertando o seu imaginário e ativando a ludicidade do povo que assistia aos seus espetáculos, a partir do movimento dos bonecos que ela mesma produzia. Cada peça de Dona Dadi enunciava um discurso e guardava consigo uma personalidade. O livro escrito pela pesquisadora Maria das Graças Cavalcanti Pereira, intitulado *Dadi e o teatro de bonecos*: memória, brinquedos e brincadeiras (PEREIRA, 2011), documenta o trabalho da brincante que costumava dar voz e movimento as suas criações em madeira, com adereços e roupas coloridas, reforçando o tom cômico e a ludicidade de cada personagem. A própria artista escreveu um livro de poemas chamado *Flor de Mucambo* (MEDEIROS, 2006), em que discorre poeticamente sobre cotidiano, trabalho, arte e vida. Sublinhamos ainda os registros da artista contidos no documentário "Da Serra ao Seridó - vivências em um Brasil de contrastes", do

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

cineasta Fernando Leão (2015)[4]. O longa-metragem evidencia as semelhanças e diferenças que existem entre os moradores da região serrana de Lages, em Santa Carina e os habitantes do Seridó potiguar. Dona Dadi, juntamente com Luzia, uma cantora natural de Cruzeta (RN), e Maria Davina dos Santos (Serra Negra do Norte, RN,1951 -), figuram entre as protagonistas desta obra cinematográfica.

Ao abordar questões históricas no campo da arte/educação, o Seridó é convocado a cultivar a memória de Davina porque seu nome e sua arte merecem ser lembrada pelas futuras gerações. Esta artista reside desde os quatro anos de idade em Caicó (RN), cidade onde desenvolveu e consolidou sua carreira de artista plástica. Aprendeu com seu pai os segredos da caatinga e desenvolveu sua poética em cima desses saberes. Cada plantinha deste chão sertanejo, cada flor, cada folha era estudada por Davina desde a mais tenra infância, assim como as texturas das pedras, as cores da terra e do céu, nos diversos horários do dia, além das formas que compõe a geografia dos sertões por onde ela passou. Assim, a artista foi desenvolvendo sua sensibilidade criativa, paralelamente a uma vida, dura, de trabalho árduo, poucos recursos financeiros e grande dificuldade para apreender os conteúdos formais do ensino. Com os sentidos expostos à natureza circundante, Davina foi depurando sua sensibilidade para mais tarde se transformar na premiada artista que é hoje. Uma mulher conhecida e reconhecida em todo o estado do Rio Grande do Norte pela sua produção plástica, especialmente no que se refere à matéria de cor: a cor do sertão, da caatinga, da arte e da cultura do Seridó. Ela ministrou cursos[5] de pintura por longos anos em uma escola não formal de Caicó – na Escola Profissionalizante Julia Medeiros – e ainda construiu uma curta trajetória como arte/educadora no ensino formal – no Colégio Diocesano Seridoense.

4 Utilizamos este documentário em sala de aula como recurso para apresentar a artista aos estudantes, agora que não é mais possível visitá-la com os grupos de estudantes devido ao seu estado de saúde. A participação de Dona Dadi nessa película suscita discussões sobre o papel dos documentos que podemos produzir e deixar como legado à sociedade, abarcando a noção de memória, de resgate, de conservação e de história da cultura artística, desdobrando-se em pesquisas sobre conteúdos, materiais e práticas expressivas envolvendo o mamulengo e as brincadeiras do povo sertanejo. Em 2018 fizemos a última visita a Dona Dadi com um grupo de estudantes da EJA, quando tivemos oportunidade de interagir com a artista. Nessa ocasião, ela ainda se encontrava saudável, muito embora, já estivesse com a visão comprometida.

5 Davina concluiu o ensino básico na Educação de Jovens e Adultos e ingressou no curso de Pedagogia. Em entrevista realizada por nós, a artista ressalta que "não foi fácil fazer uma graduação quando você tem que trabalhar e estudar, mas consegui levar até o fim e isso é o que importa, no final das contas. Eu fiz todo o esforço possível para me concentrar nas aulas e procurei fazer tudo direitinho para cumprir com todas as obrigações exigidas de uma graduanda. Como eu já era mais madura, eu pude aproveitar bem o curso e discutir questões da pedagogia que se relacionavam com a arte e com a aprendizagem das crianças no meu TCC. A minha experiência de vida escolar eu levei comigo e quando via um professor achando determinada teoria maravilhosa, sem problematizar, eu mesma problematizava porque sabia o que tinha se passado comigo na escola". Davina nos relatou que não cursou Artes Visuais porque não é ofertado este curso no Seridó. A entrevista foi concedida pela artista ao autor deste artigo, no dia 22/04/2017, em sua casa/ateliê.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Várias artistas da música, da literatura, do teatro, da dança e do audiovisual que produziram arte e cultura nessa região vivem hoje sob o véu do esquecimento. Por outro lado, o povo teimoso do Seridó resiste às forças contrárias que são responsáveis pelo apagamento de parte da sua história para, com isso, se reinventar e se alimentar esteticamente. Dentre essas pessoas, o nome de Izabel Cristina de Medeiros (Currais Novos, RN, 1977 -) merece destaque. Se esse nome é desconhecido no campo da Arte é porque o carinho e o afeto do povo sertanejo elegeram o codinome Titina como se fosse seu "nome de batismo". Este foi, orgulhosamente, assumido pela artista, para alegria dos amantes das artes cênicas. Titina Medeiros é uma atriz que viveu sua infância e juventude na cidade de Acari (RN). Seu nome ganhou notoriedade no Seridó e seu talento conquistou os palcos do Brasil. A consagrada atriz de teatro ganhou diversos prêmios pela sua atuação cênica e conquistou notoriedade nas telas da TV brasileira, depois de atuar em várias novelas e participar de diversos programas da Rede Globo de televisão, difundindo a arte e promovendo a nossa região. A atriz criou a produtora cultural "Casa de Zoé", com sede na capital do estado, com o intuito de promover encontros artísticos e produções criativas. Da "Casa de Zoé" surgiu o projeto "Meu Seridó". Trata-se de um espetáculo teatral, com texto de Filipe Miguez e direção de César Ferrario, que circula no Rio Grande do Norte desde 2017. Neste espetáculo dramático, Titina divide o palco com Nara Kelly, Caio Padilha, Marcílio Amorim e Igor Fortunato, contando uma história que ressalta a relação do homem e da mulher sertanejos com a terra, abrangendo questões universais a partir de uma problemática local. Em 2019 a peça *Meu Seridó* circulou o Brasil, oportunizada pelo Palco Giratório, importante projeto mantido pelo Serviço Social do Comercio (SESC).

Nesse jogo de lembrar e esquecer, o protagonismo de Jussara Queiroz (Jucurutu, RN, 1956-) merece ser notado pela historiografia da arte norteriograndense, por sua importância no campo do audiovisual potiguar e brasileiro. Esta cineasta iniciou sua carreira em Caicó (RN), como assistente de produção no longa-metragem *Boi de Prata* (1981). Conforme pesquisa de Flávia Celeste Martini Assaf (ASSAF, 2017), este filme roteirizado e dirigido pelo caicoense Carlos Augusto da Costa Ribeiro Junior foi o segundo longa-metragem produzido no Rio Grande do Norte, entre os anos 1976 e 1980, ou seja, em pleno regime militar brasileiro. Este contexto político exigiu que Jussara Queiroz se posicionasse contra o regime de opressão, posição que refletiu na sua produção cinematográfica devido à crítica social que gostava de trazer nos seus filmes. No documentário biográfico *O voo silenciado do Jucurutu*, dirigido por Paulo Laguardia, em 2007, podemos acompanhar um pouco da trajetória formativa e profissional de Jussara e aprender com sua luta em prol de justiça social no Brasil. Filmes como *Fora de ordem,* de 1982;

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Acredito que o mundo será melhor, 1983*; Um caso de vida ou morte*, 1985; *Um certo meio ambiente,* 1986; e *A árvore de Marcação,* 1995, são de grande relevância para a produção cultural brasileira e, especialmente, para o Ensino de Arte do Seridó porque se desdobram em outras produções artísticas na escola.

As visualidades estão por toda parte nos sertões. Na casa de Lydia Brasileira é possível encontrar intervenções gráficas feitas por crianças em todos os cômodos da sua residência. A seridoense que "dispensa o peso dos perfumes para ter no corpo o cheiro da terra do sertão," como ela mesma diz, é uma professora universitária aposentada e já influenciou diversos artistas da região, contribuindo com suas formações pedagógicas, artísticas e estéticas. Lydia leva uma vida simples e tranquila em Caicó e permite às crianças que a visitam que deixem suas marcas pelas paredes e móveis da sua casa. Com isso a artista transformou este ambiente doméstico em um museu espontâneo que guarda uma porção do imaginário infantil em cada camada imagética produzida com tinta e sobreposta nas paredes do seu lar. O espírito curioso faz de Lydia uma estudiosa apaixonada pelo conhecimento. Ela busca transformar suas pesquisas em trabalhos de arte, que expõem como instalações na Casa de Cultura Popular de Caicó ou por meio de performances que faz pelas ruas da cidade. A artista gosta de romper com o instituído e denuncia a atuação das forças opressoras da sociedade que agem sobre o povo. Seu maior desejo é sentir o espírito de comunhão entre os homens e a natureza. Talvez por isso seja tão bom ser recebido por ela em sua casa, quando estamos acompanhados dos educandos das escolas públicas da cidade, pois nos alimentamos de suas ideias e senso de justiça para com a cultura e os valores do povo sertanejo[6].

Aos poucos, os trabalhos dessas artistas vão construindo camadas no tempo e no espaço, adensando o campo poético e a produção cultural seridoense à medida que desvela fios que tecem histórias sobre a produção artística e o Ensino de Arte praticado no Seridó potiguar.

Considerações finais

A pesquisa, em andamento, vem mostrando que as artistas do Seridó potiguar gozam de pouca visibilidade e prestígio dentro das escolas da região. Isto sugere a necessidade de um trabalho, junto com os educadores que estão à frente do componente curricular Arte, de valorização e divulgação da importância dessas mulheres para uma formação artística e estética dos estudantes, dentro de

6 Para saber mais, consultar: Santos (2017).

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

preceitos que consideram a arte e a cultura local. Observamos que algumas dessas artistas experienciaram também a docência e ensinaram arte por meio de oficinas de expressão criativa ou no ensino regular, básico ou universitário. Trazê-las à tona é buscar novos sentidos para as práticas artísticas que são realizadas nos ateliês criativos ou nas salas de aula das escolas da região. Aliás, vale ressaltar que existe pouca divulgação na mídia sobre essa produção poética, além do debate público sobre essa temática ser inexistente.

Não existe apenas um Ensino de Arte no Seridó, mas vários ensinos. Encontramos nas escolas diversas concepções de arte entre os educadores, especialmente porque a grande maioria não possui formação específica nesse campo do conhecimento. Os registros escritos e publicados sobre reflexões docentes de arte/educadores da região são ínfimos. Não existe a cultura de pesquisar sua própria prática, abordando os diversos aspectos do ensino. Este fato pode estar relacionado à falta de compromisso com a área de Arte de muitos educadores e a não formação nesse campo do saber. O educador de Arte eventual não pensa a sua prática porque não cria vínculo com esse componente curricular.

Cabe também a nós, arte/educares, ativarmos a memória coletiva e trazermos à tona nomes de artistas que produzem e dão sua contribuição à arte e à cultura da região seridoense, como os das mulheres que abordamos nesse texto, pois são nomes de artistas que merecem a permanência no campo da história. O Ensino de Arte no Seridó contemporâneo ainda conhece pouco e explora menos ainda em sala de aula os dados biográficos e os aspectos da produção poética de artistas como Maria do Santíssimo, Raimunda Cícera, Luzia Dantas, Dona Dadi, Davina, Titina Medeiros, Jussara Queiroz e Lydia Brasileira, entre outras. A poética dessas artistas abrange desde a pintura, a escultura e a cerâmica, até a instalação, a performance, as artes cênicas e o audiovisual, muito embora, a produção em arte das mulheres não fique restrita somente a esses nomes e a essas linguagens.

Tudo isso é matéria para o Ensino de Arte na medida em que permite que o arte/educador faça investigações sobre o contexto cultural local, enquanto amplia saberes, fazeres e afetos em sala de aula, mobilizando os jogos interacionais dentro de uma dinâmica que envolve mais do que o intelecto, na medida em que ativa emoções e sensibilidades. As pesquisas e as apresentações de seminários fazem parte da nossa proposta metodológica de trabalho no contexto escolar, pois são escolhas de grande potencial para as aprendizagens no campo, podendo se desdobrar em expedições artísticas feitas pela cidade ou região, para investigar essas artistas *in loco*, em suas casas/ateliês. Tudo isso leva à crença de que problematizar a produção das mulheres do Seridó em sala de aula amplia a compreensão dos educandos quanto aos planos de expressão, melhorando seus entendimentos socioculturais e suas capacidades perceptivas, ao mesmo tempo em que aguça o senso crítico de todos.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Referências:

ANDERSON. Benedict R. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Iaperí. **Elementos da arte popular.** Natal; UFRN, Ed. Univ. 1985.

ASSAF, Flávia Celeste Martini. **Boi de prata:** política e cultura na estreia do sertão do Seridó no cinema terceiro-mundista brasileiro. (1970-1980). Dissertação de Mestrado. NATAL: UFRN, 2017.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

MEDEIROS, Maria Iêda da Silva. **Flor de Mucambo.** Natal: Flecha do Tempo, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v.10, p.7-28, dez. 1993.

PEREIRA, Maria das Graças Cavalcanti. **Dadi e o teatro de bonecos:** memória, brinquedos e brincadeiras. Natal: Fundação José Augusto, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos**, v.2, n.3, Edições Vértice, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, J. V. Educação artística e estética nos sertões do Seridó: uma expedição feita à casa de Lydia Brasileira. **Anais do VII Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades** - sertões: corpo, educação e sociedade. UFRN – CERES/ Campus de Caicó, 2017. Disponível em: http://cnhc.ufrn.br/wp-content/uploads/2019/11/anais_cnhcs_2017.pdf. Acesso em 15/03/2020.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Vídeos

LAGUARDIA, Paulo. **O voo silenciado do Jucurutu.** 2007, Independente, 50 min.

LEÃO, Fernando. **Da Serra ao Seridó - vivências em um Brasil de contrastes.** 2015,

Arsego Produções, 90 min.

QUEIROZ, Jussara. **A árvore de Marcação.** 1995, ZDF, 90 min.

_____. **Fora de ordem.** 1982.

_____. **Acredito que o mundo será melhor.** 1983.

_____. **Um caso de vida ou morte.** 1985.

_____. **Um certo meio ambiente.** 1986.

_____. **A árvore de Marcação.** 1995.

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)